



Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX

Um abraço "Pôrto-Rio"



Os estudantes brasileiros vieram ao Pôrto estudar a forma como vivem agora os portadores de títulos brasileiros

Propriedade da Empresa do
Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

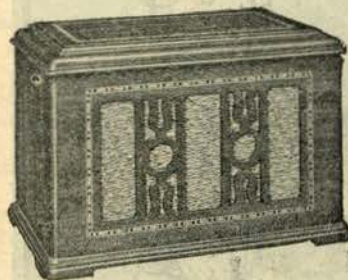
3 soluções económicas de ATWATER KENT RADIO

Um interessante receptor de diminutas dimensões e com os principais aperfeiçoamentos de aparelhos maiores. Circuito superheterodino de 5 válvulas, para corrente alterna ou contínua. Altifónio electro-dinâmico e condensador de sintonisação triplo. Caixa de execução cuidada em nogueira.



Modelo 155

Esc. 1.000\$



Modelo 555

Esc. 1.600\$

Caixa-cofre de gracioso aspecto encerrando um dispositivo receptor de soberbo resultado. Superheterodino de 5 válvulas, muito sensível e selectivo, empregando lâmpadas pentodo e diodotriplo duplas. Auto-falante electro-dinâmico, de 6 polegadas, mas de invulgar sonoridade. Caixa de mogno de S. Domingos, de linhas harmoniosas e com bonitos embutidos, satisfazendo a maior variedade de gostos.

Superheterodino compacto, de 6 válvulas, com as qualidades de receptores maiores. Quadrante graduado desde 540 a 1750 kilociclos. 7 circuitos sincronizados assegurando a máxima selectividade. Acabamento bem cuidado e desenho de linhas agradáveis.

Esc. 2.450\$



Modelo 246

ELECTRÓNIA L. da,
P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Pois senhores: nunca a República dos sovietes foi tão requestada. Primeiro a Itália, conservadora Itália reconhecendo a sua radicalíssima forma de governo e estabelecendo com a Rússia um tratado comercial; depois a Espanha, apenas proclamada a república, abriu-lhe os braços através de toda a Europa e não considerando cidadãos de Madrid todos os homens de além-Vistula; em seguida a França — a caloteada França que tanto dinheiro tinha emprestado à Rússia dos czares para ficar com ele, e que mais uma vez parece disposta a dar empréstimo e a novo calote; e por último os Estados- Unidos, o país das grandes fortunas dos grandes proprietários, piscando agora o olho à populosa nação para quem o capital é um crime e a propriedade um roubo.

Bem dizia o outro que anda tudo doido. Naturalmente, não vejo motivo algum para que qualquer governo do globo negue o seu reconhecimento a um regimen politico que lá tem sessenta e seis anos de existência e parece inteiramente consolidado. Mau ou bom, temos de confiar, pelo que se tem visto, ser essa a vontade do povo. E se tal é, há que curvar a cabeça e aceitar os factos mais que consumados.

Não me admira, portanto, que as grandes nações procurem entabolar relações comerciais e diplomáticas com a U. R. S. S. Admira-me, porém, a pressa com que o estão fazendo, e agora a maior parte da sua imprensa continue a congratular-se e infamando as instituições russas e os homens que nelas dispõem do poder. Era já conhecido — muitas vezes o têm dito os jornais — que o amor, por lá, desceu ao nível do instinto animal, satisfazendo-se à vontade e sem vergonha em público e raso. Sabido era também que se aguciam pela Rússia milhões e milhões de crianças esfomeadas. E com a liberdade amorosa que por lá campeia, licito seria concluir o incremento constante de essa desventurada população infantil, — se os pais não tivessem tomado um expediente que não lembrou a Platão: comê-la.

Veio a coisa em muitos jornais sérios e habitualmente bem informados. O plano quinzenal acarretou a fome geral, e a fome é coisa que se não compadece com as leis, nem com a sentimentalidade afectiva. Os russos adultos,

não tendo pão para dar aos filhos, deliberaram de comum acôrdo alimentar-se com eles. Se haviam as pobres crianças de morrer de inanição, melhor era utilizá-las como alimento enquanto um pouco de exúndia lhes cobria os músculos. E se bem o resolveram, melhor o fizeram. Cada qual, no remanso do lar, esquelético os infantes que lhe deviam a vida, salgando-os em seguida, ou pondo-os de vinho e alhos, consoante o gosto próprio. Foi um farto de carne tenra superiormente saborosa, uma matança de inoçentes que tirou o ventre de miséria a toda a população. Armaram assim os russos em Saturnos, desmentindo, no seu foror antireligioso, os textos sagrados. A Bíblia recorda ao homem que é pó, e em pó se há de tornar. Os russos dizem agora: «Lembra-te de que saíste do corpo de teus pais, e para eles voltarás». E afinal, se a terra fria havia de comer aqueles corpinhos esqueléticos, não será melhor que os pais os agasalhem no estômago, que é sitio muito mais confortável?

Pois nem depois de saberem que os Sovietes praticam a antropofagia as nações civiliza-

das se tomaram de horror por eles, afastando-se indignadas. Ao contrário, aproximam-se, com o melhor dos seus sorrisos, e tamanha expressão de simpatia estampada no semblante, que se diriam criaturas impelidas uma para a outra por um affecto forte. Até se fala em que Roosevelt pretende visitar Moscovo. E já estamos a ver o ditador Staline convidando-o para um banquete e dizendo-lhe, ao entrar na sala o assado:

— Vossa excelência, que tantos grandes industriais tem devorado, de-certo se não recusará agora a comer uma perninha de criança...

Dizem que esta aproximação com a Rússia é devida à arrogância de Adolfo Hitler. Com medo da Alemanha, as nações procuram uma aliança que ponha em perigo a fronteira oriental germânica. Se tal é, abençoado seja o Führer que, por tanto ameaçar com a guerra, veio consolidar a paz do mundo...

Marcial Jordão.

Os impossíveis dêste mundo

- Cortar pano com a tesoura... de uma fechadura.
- Arranjar colocação na fábrica... de um relógio.
- Fazer um tecido com uma teia... de aranha.
- Jogar o *foot-ball* nos Campos... Monteiros.
- Ver um manco andar em muletas... de fechaduras.
- Viajar no vapor da... água.
- Reboçar um comboio com uma máquina... de costura.
- Cravar ferro com cravos... vegetais.
- Concertar louça com gatos... ao natural.
- Tirar medidas com metro... Goldwin Mayor.
- Arranjar um vestuário para a menina... da Avenida.
- Fazer com que o *Ecos de Cacia* deixe de trazer asneiras.

Monteiro II.

Ramalhete

Inda hão-de nascer os sábios
Que digam sem mais aquelas,
Porque sabe bem um beijo
Dado em olhos com ramelas.

Se aquilo que a gente sente
Cá para fora saísse,
Verias que o teu amor
É, p'ra mim, grande chatice.

Quem me deva ser a hera
Embalada pela brisa,
P'ra te ver, pela janela
Quando despes a camisa.

Maria da Graça é uma
Dama que engrança comigo,
Tem um buço atrevidote
E um sinal no umbigo.

Tenho uma nódoa no peito
Que todas as noites vejo.
E ando um pouco arreliado,
Pois parece um percevejo.

Lérias.

Balancete da semana

Os jovens estudantes brasileiros estiveram no Pôrto esta semana. Houve entusiasmo, acaso, entre os tripeiros? Saudações aos jovens mensageiros da grandiosa nação americana? Não houve. Festas só oficiais. Um banquete, uns discursos: nada mais. Viu-os passar o povo indiferente. Nem mesmo as nossas damas e donzelas (que teem por costume muito antigo debruçar-se em varandas e janelas para acolherem com um gesto amigo todos os forasteiros) mobilizaram seus lençinhos brancos e os seus sorrisos mais leais e francos p'ra saudar os rapazes brasileiros. Porquê? Esses mancebos são brilhantes, e vêem de uma nação que tem por habitantes um povo nosso irmão! Eu sei... O Pôrto passa horas amargas... Porém a Academia do Brasil culpa não tem de que Getúlio Vargas não pague, do que deve, um só centil. Foi esta a causa? Muito o desconfio. Os estudantes vêem do Rio ao Pôrto, e encontram-no tristonho, inerte, absorto... —Uma questão, emfim, de *Pôrto-Rio*...

* * *

Os negociantes cá do burgo, tontos por verem os negócios mal parados, inauguraram, muito esperançados, a *Semana das Compras*, com descontos. Puseram nas fechadas largos panos brancos, com vivas tiras de zarcão, dizendo aos fabianos: «Comprai! Aproveitai a ocasião!» Deu resultado o expediente? Não. Como é que há de comprar seja o que fôr um povo paciente e sofredor que mete a mão no bolso e acha cotão?

* * *

Os moços de café, numa harmonia sólida e completa, continuam fazendo finca-pé no combate à gorgeta. Acham-na ignóbil, digna dum mendigo, e muita razão teem; porque a gorgeta usou-se em tempo antigo, mas já hoje não fica nada bem. Devem pôr-se de parte estes soezes costumes sociais, e, com modos corteses, dar a gorgeta aos pobres dos fregueses, —que às vezes necessitam muito mais...

Turiddu.

Sete Silabas, no *Jornal de Notícias* do último domingo, fála-nos de um termómetro que marcava a chuva a bom tempo.

Era de procedência alemã o instrumento. Melhor seria ter dito que viera da América...

Já agora, salte para cá um barómetro que marque a temperatura!

O sr. Armindo Peixoto, conhecido negociante tripeiro e vice-presidente da Associação dos Comerciantes do Pôrto, pretende que no próximo ano, e por motivo da anunciada Exposição Colonial, se façam grandiosas festas nesta cidade. Essas festas serão realizadas sob a designação de «A festa do Vinho do Pôrto», sendo dedicadas exclusivamente à região duriense.

Haverá provavelmente quem a ponte, firmado em que, numa Exposição Colonial, melhor ficaria a festa do café, do cacau, do coconote, ou aguardente de côco. Mas o sr. Armindo Peixoto tem razão. O Douro, às vezes é tratado como uma colónia.

Os industriais de chapelaria, pois de se terem consorciado, resolveram tratar em êles próprios da venda ao público dos chapéus que fabricam dispensando assim os chapeleiros.

E' o que se chama fazê-los e bazá-los. Mas a ideia não é própria de se lhe tirar o chapéu, visto ser inatamente calva. Quando o fisco os butar, além de industriais, também como negociantes, começarão para as dificuldades. E então é natural que os chapéus de feltro passem a ser lâ churra, durando o tempo que a deie entre a hora da compra e a primeira carga de água.

Segundo lêmos numa revista de modas, as senhoras vão usar as unhas da côr do vestido, para o que já encontram à venda vários vernizes.

Valha-nos a ideia da grande economia que se fará quando elas andarem de luto. Porque então, para unhas dizerem com o traje, basta lavar as mãos.

MARIA RITA é o jornal humorístico de maior expansão

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54—PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonificação

Telefone, 5422

(«Charge» ao descanso dominical).

Morrera o Zé Fortunato
(Amigo do bem-estar)
Por a mulher lhe atirar
A's bochechas com um prato.

Fêz-se entêrrro de aparato,
Com sacristas a cantar.
— Chorava de pena o mar
— E miava ao longe um gato.

Chegou tudo ao campo santo.
Volve e coveiro, no entanto,
Com voz grave, autorizada:

«Por causa da lei corrente,
Devo dizer ao cliente
Que hoje não entêrrro nada!»

Artur Garibaldi.

nosso amigo e poeta Garibaldi
donou definitivamente os *Espo-*
para se integrar por completo
rigideiras.

memorando esta tão radical mu-
presenteia a MARIA RITA com
netilho — *No cemitério* — e faz votos
que a simpática *matrona*, futura-
e, lhe respeite as futuríssimas
s e o futurístico bigode.

Sal & Pimenta.

Posição de Crisântemos

filhos do saudável horticultor
Moreira da Silva, dois ra-
es que o pai *plantou* na vida se-
do o seu célebre lema:

plantei filhos e colhereis bons frutos

am na passada Quinta-feira uma
posição de crisântemos, na sua casa
na do Triunfo, 5, que é um verda-
mimo.

MARIA RITA quando lá entrou
se *Gheisha* de todo...

se não põe para aqui tóda a
das flores expostas, é porque
a que V. Ex.^{as} tenham a bondade
mergulhar os olhos nas milhares
res que se espalham por tóda a

er para crer...

brigados, ô Manos da Silva pelo
convite.

er circular a MARIA RITA,
mo dada ou emprestada, é con-
tribuir para a sua expansão ::

A arte de tourear

A arte de tourear consiste em sa-
ber lidar com um ou mais touros e
é designada por tauromaquia (*tauro*
derivado caciano de touro e *ma-*
quia, aquilo que nos sai do bolso
para vermos uma tourada). Tourada,
etimologicamente falando, vem de
toura.

Toura, animal feroz, que em geral
é mãe das nossas mulheres, fêz *tou-*
rada, assim como de *bacalhoa* se fêz
bacalhoada.

Tourada, é uma miscelânia, onde
se confundem touros com touras e
êstes com toureiros, bem como cava-
los com cavaleiros. Mesmo assim como
é uma arte interessante e útil como o
foot-ball, convém que todos tenham
dela conhecimento e, por isso, aqui
vimos dar uma rudimentar lição tau-
romáquica.

E' indispensável que o candidato
a toureiro contraia matrimônio dois
meses antes de encetar os ensaios
necessários, por que só depois de
casado é que o candidato começa a
sentir a verdadeira vocação pelas coi-
sas que se prendem aos touros.

Para um bom ensaio tauromá-
quico, deve fazer-se uma tourada si-
mulada e para isso procede-se desta
forma; isto mesmo em família:

Prepara-se a arena, que pode ser
a sala de jantar.

O *capinha* poderá ser a espôsa e a
toura pode muito bem ser a sogra,
pois é já uso muito antigo as sogras
fazerem o papel de touras em várias
touradas, assim como os genros o
papel de touros.

Como é de tóda a conveniência
que o animal seja o mais bravo pos-
sível, para que o futuro toureiro perca
o medo, o candidato deve empregar
todos os meios ao seu alcance para
enfurecer a toura e sendo esta a sogra,
o meio mais prático de enfurecer o
bicho, é êste:

Ao almôço, o candidato aparece
na sala de jantar uma hora mais tarde
do que a marcada. Senta-se e diz à
sogra:

— A mãe há de perdoar-me por eu
ter chegado um pouco mais tarde,
mas...

E' claro que a sogra não deixa o
futuro toureiro terminar o rôgo de
desculpa e logo responde:

— Mas... mas quê? Escusava de
vir. O senhor julga que aqui é um
hotel? Naturalmente, seu pedaço de
asno, nós somos suas criadas! Ora,
ora, ora...

O candidato ouve e não fala. Pro-
cede assim para ganhar coragem de
ouvir roncá o animal.

Mal a sogra acaba de falar, a espôsa
tenta deitar a capa da misericórdia e
diz:

— Mamã...

— Qual mamã! Você se fôsse uma
boa filha e uma boa espôsa, não admi-
tia rélicas a seu marido.

Nesta altura o candidato é que
começa a falar e diz:

— Perdão... mas eu não falei ..

— Cale-se seu poltrão!... Cale-se,
cale-se e já!... — responde a sogra.

Agora é que o candidato se começa
a sair das cascas, e fala alto:

— Se eu há dois meses soubesse a
rêz que a senhora é, não dava o passo
que dei...

A sogra replica em voz de trom-
bone:

— Qual passo, seu imbecil?

— O meu casamento com sua filha;
e se eu soubesse que a mãe de minha
mulher chegava a ser minha sogra,
não dava tal cabeçada; porém, tenho
a lei do divórcio...

A sogra nesta altura é que está
verdadeiramente preparada para ser
corrida. Salta, bufa, corre em tórno
da mesa, parte tudo e marra com a
testa no peito do candidato.

A espôsa de vez em quando vai
fazendo uma espera à toura, dizendo:

— Mamã, mamã...

O candidato, mune-se então de
dois garfos e fazendo dêles bandari-
lhas, crava-os com vigor no cachaço
da sogra.

Está a tourada no auge.

Finalmente o candidato faz uma
pega à sogra, pelo rabo ou pela
cernelha, terminando assim a cor-
rida.

Este ensaio deve ser efectuado du-
rante um mês e pelo menos uma vez
por dia. Findo êste tempo o candidato
está apto a lidar o bicho mais feroz
e a sogra perfeitamente habilitada a
substituir qualquer toura.

Olegna.

VIVER NÃO CUSTA...



MARISCOS

Mariscos são uns animalejos, mais ou menos comestíveis, que vivem e constituem família nas profundezas «oceânico-marinhas» (Vide «Dicionário de Termos Arroçados», de minha autoria e C.*).

São muito empregados para efeitos mais ou menos espicolondríficos e pundonorosos, pelo que não podemos dar muita guita ao assunto.

Há variadíssimas espécies de mariscos. Assim, começaremos pelo Camarão, um «cefalo-lamelibrânquio» muito apreciado em pastéis e ao natural, acompanhado duns copinhos de «beer».

No reino camaroeiro existe um personagem notabilíssimo: um Camarãoão que mede 2 metros, pesa 100 quilos, e, nas horas vagas, dedica-se à nobre arte do box.

Há ainda os camarões nasais, de grandes efeitos purgativos e tonificantes.

A respeito de Camarões nada mais há de notável, «mariscamente» falando.

Digamos, pois, algumas lérias (ou eu não fosse o Lérias...) sobre outro marisco, o Caranguejo, dono dumas grandíssimas tenazes, e de uma esposa amantíssima: a D. Sapateira.

Escusado será dizer que D. Caranguejo bate sola e é exímio no uso da sovela.

Como toda a gente sabe, o Caranguejo é campeão em marcha retro para trás, havendo mesmo quem diga que, nesta modalidade pedestre, o Sarsfield fica a perder de vista.

No entanto, fiquem sabendo, que eu conheço alguns animais-pessoais que, apesar de não serem Caranguejos, dizem que para a frente não vai nada: é tudo para regiões traseiras.

Emfim, cada um, lá sabe as linhas com que se... cose.

A respeito de Caranguejos, a minha «Conklin» diz que não sabe mais nada.

Confessou-me, também (esta caneta, é prodigiosa!) que sabe outras coisitas, a propósito de outros mariscos, mas que hoje não vos diz mais nada.

Tenham paciência até à próxima lição, que será breve.

Lérias.

Um dia destes, quando regresssei a casa, ia plenamente satisfeito.

Deve parecer-lhes impossível que um homem, nos tempos de hoje, possa regressar a casa plenamente satisfeito. É quasi um contra-senso, dada a forma de viver que todos nós temos hoje. Mas por uma casualidade esquisitíssima, eu, nesse dia, regressava a casa absolutamente satisfeito.

Saltara do eléctrico em andamento, mesmo em face ao número 547, a minha porta, e nem quebrara uma perna, nem o caixote do lixo tinha batido nas pedras do passeio.

O dia tinha-me corrido às mil maravilhas. O negócio não fora mau de todo e uma cliente arvezada tinha-se prometido para o dia seguinte. Uma beleza. E para que a jornada se tornasse saudável o mais possível, até o demo do condutor se tinha esquecido que viajava no carro um passageiro sem bilhete.

Beije contente a mulher e os filhos, numa disposição que nem a leitura do *Diário de Notícias* conseguiu empanar.

Jantei. E se houve jantar que me soubesse, foi o desse dia, em que umas fanequinhas, muito iguais e muito frescas, como *girls* de revista, deram o seu corpo ao manifesto apetite que eu demonstrava nesse dia.

Acabado o repasto, subi ao gabinete de trabalho e o rádio deliciou-me sem aqueles arrótos costumados e a ventania infrene que os persegue.

Era um homem tão feliz, que não resisti a fazer aquele gesto muito predilecto dos felizes, que é o de meter os dois dedos polegares nas cavas do colete e tamborilar com os restantes na tábua do peito.

Também me não esqueci de dar umas pancadinhas no abdómen, para que as flatulências se acimatassem o melhor possível no túnel que tinham de atravessar.

Tudo isto, como sabem, faz parte integrante da felicidade na vida e eu era ou sentia-me inteiramente feliz.

A esta altura, e talvez com um palpite infalível, perguntei à minha cara-metade se não houvera nada na caixa do correio.

— Ai, é verdade — respondeu-me ela — há, há...

E, pressurosa, foi buscar ao seu *toilette* um bocadinho de papel que me estendeu, dizendo:

— Está aqui a conta da electricidade, mas nem tive a coragem de te a mostrar em antes de jantar. É um bocadinho puxada...

E era, meus senhores!... Por mais que eu architectasse ferros eléctricos, de brunir, que nunca se usaram em minha casa; motores para tirar água de dentro do poço, onde nunca entrou força motriz além dos dois repoludíssimos braços da minha cozinheira; aspiradores de pó, enceradoras, aquecedores, e trinta mil dessas extraordinárias invenções para que o braço não sirva senão para o abraço, não houve meio de saber como é que se tinham gastado tantos kilovates dessa porcaria que nos ilumina!

Pois se eu não passo nunca das cincoenta velas!...

Ainda perguntei a minha mulher se ela empregava as velas noutra coisa, mas ela respondeu-me negativamente e deitou as culpas ao aparelho de rádio, que segundo ela é um ladrão de correntes.

Não lhes mentirei se afirmar que as faneças tentaram vir à tona, e que a boca me começou a saber a azedo.

E ainda mal tinha tido tempo para acalmar as faneças, já a minha filha mais velha

me estendia um papelinho muito bem impresso e me dizia:

— Paizinho: na distribuição da manhã deixaram isso na caixa!

Olhei, e os meus olhos foram pregar-se num letreiro que dizia:

Todos estão sujeitos a desastres.

Estão a ver que isto vinha mesmo a propósito. Não era senão um desastre a conta da electricidade. Mas o papelucho continuava:

V. Ex.ª não está livre de ficar inhabilitado...

Quebrar uma perna é tudo quanto há de mais natural...

Ora estas alocações para quem estava tão bem disposto, não eram nada consoladoras.

E depois, a verdade é esta: realmente ninguém está livre de um precalço. Ora suponham V. Ex.ª que eu, em vez da felicidade que tive em saltar do carro sem o menor contratempo, tinha a desgraça de se me prender um tacão na junção de duas pedras?

Ai estava um desastre. E se partisse só uma perna, não seria já muito feliz?

Porque a dar-se o caso de partir as duas, não seria um homem inutilizado para todo o sempre?

Era, não restava dúvida... Continuei a ler o prospecto:

Num caso destes já pensou V. Ex.ª no bem-estar dos seus?

A princípio ainda julguei que isto era chuchadeira. Pois se quem quebrava as pernas era eu, como é que os outros sofreriam o mal-estar?...

Mas depois a pouco e pouco dei-lhe razão. A gente quasi sempre é imprevidente. E esta Companhia de Seguros que me mandara deitar o prospecto na caixa, é que estava na razão. Sim senhor.

Mas ao mesmo tempo, sentia que o que ela não tinha era o direito, de num dia em que eu vinha tão bem disposto, me vir quebrar a alegria com a lembrança de coisas contingentes mas incertas.

E a minha boa disposição ia transformar-se em mal-estar incontestado e representado no rasgão com que brindei o prospecto, quando o rapaz mais novo, se abeirou de mim entregando-me um papelito sem elegância nenhuma dizendo:

— O pai foi um rapaz que deitou isto para dentro da janela... Desembruhei e li... O suor cobriu-me, as mãos enclavinharam-se-me. Quis falar e não pude. E se não cai com uma síncope foi porque o chá veio a tempo.

O papelucho rezava assim:

Se quere tratar de um entéro barato, distinto e sem concorrência, recorra à

Enterradora de ambos os sexos

R. de Santa Catarina — Porto

J. d'A.



A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Porto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campô Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Corredoria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

DESCANSO SEMANAL

O folhetim de "O Comércio de Gaia" e o seu autor são dois monstros. Onde se demonstra que o director da mesma fôlha não sabe ler sequer. Monstruosidades!... Caneladas!... Pontapés na gramática!...

Até agora, meus senhores, temo-nos limitado a transcrever as centenas de asneiras que o sr. Domingos Fernandes Braga tem espalhado no seu extraordinário romance, que, com o nome de **Berta**, vem sendo publicado no jornal de O homem das Barbas, do vizinho concelho de Gaia.

Mas a coisa está a tomar um tal jeito que é impossível deixar de o comentar a passo a passo. Vamos tentar fazê-lo por aí abaixo, se bem que são tantas as asneiras que até o Mesquita Júnior ou o Damião de Cacia teriam vergonha de assiná-lo.

Não sente os mesmos escrúpulos o sr. Fernandes Braga. E por causa dessa arrogância vamos tentar amarrá-lo à boca da sua **Berta**, a ver se ela faz o favor de disparar, pulverizando-o de uma vez para sempre.

O folhetim que vamos dissecar é o número 11 e correspondente ao dia 5 de Outubro último.

Começa aqui, porque já vem continua do número passado:

— Sim, P.^o Francisco, e digo-lhe: ela em minha casa é o sol dourado que ilumina o nosso viver.

«E V. Ex.^o, ainda não viu que a linda dos olhos azuis — como lhe chamávamos — tem o condão de atrair o mais vigoroso dos homens?»

Como vêm o tal sol dourado não é de pouco comer.

— Sr. P.^o Francisco, diz, então, Berta: V. Ex.^o Rev.^{mo} perdoa-me uma observação?

— Sim — diz P.^o Francisco.

— Então nesse caso tenho a declarar-lhe que sou uma simples mulher como tantas outras, mas o respeito que me davam não é pela formosura que não ostento, mas sim pelos predicados que ornar a minha mamã.

Donde se prova que os predicados que ornar a mamã dela é que a tornam digna de respeito. Quanto a ela... já se disse tudo acima.

— Muito bem — dizem as primas.

E D. Beatriz, acentuando a afirmação, declara:

— Tudo isto está muito bem, mas o melhor é continuarmos o almoço que está apetitoso, não lhe parece P.^o Francisco? A nossa Ana cosinha a capricho nas oca-

sões próprias e deixe-me dizer-lhe, até retirou a sombra da nossa casa. Tudo é claro em homenagem à nossa Berta!

Um diabo me carregue se eu percebo como é que uma cozinheira pode retirar a sombra duma casa. O esturro, vá... mas a sombra, só lembrava ao sr. Fernandes Braga.

— O luto e a dor a isso a tem obrigado, e V. Ex.^o está exumada dos melhores sentimentos.

«Continuem, assim, que agradam a Deus!»

Isto é fantástico sr. Braga. Uma criatura exumada dos melhores sentimentos, deve ser uma múmia muitíssimo sentimental.

E não há por aí em Gaia, um armador que o exume a si?

Findo que foi o almoço, dentro da maior cordelidade, todos em companhia do sr. P.^o Francisco, foram a passear pelo jardim onde as primos acácias e as tiliás, transpiravam um arôma que seduzia e enebriava os sentidos.

Estão V. Ex.^o a ver as acácias com o lenço tabaqueiro na mão a alimpar a testa, e as dengosas tiliás agitando um leque por causa da transpiração.

Mas aonde terá apreendido português o sr. Fernandes Braga?

E vamos entrar no capítulo segundo deste estonteante romance.

Capítulo 2.^o

LÚCIA DE CAMPOAMOR

Phydias — O grande escultor Helénico e pintor notável, um dia, tomado duma inspiração, encarnou no seu cérebro a escultura duma mulher tentadora pela sua beleza e pela sua graça, com o unico fim de proporcionar à contemplação da humanidade, o que a Arte pode seduzi-la.

O mármore alvissimo de Carrara, serviu para esse trabalho, e esculpando o bloco a buril e o cinzel, foi comparado com a sua subtil inspiração a figura que sublimou o seu pensamento.

Nós, agora, já não podemos seguir erro a erro esta estuprificante obra

prima. Que o leitor nos ajude, e veja bem se será possível encarnar no seu cérebro tanta asneira. E fique sabendo de uma vez por todas, que esta figura que sublimava o pensamento do sr. Braga era uma figura corrosiva... Prossigamos:

De facto, a imagem possuía em todos os retoques, na sinuosidade das suas linhas, a imagem de uma mulher formosa, e representava sem erro de desmentido a figura encantadora de Maria Madalena — aquela Madalena que acompanhou Jesus até ao cimo do Calvário antes do suplício da sua morte.

Chama-se a isto escrever de ouvido. Mas o mais bonito vai passar-se agora. Neste período abaixo o autor conseguiu, sem esforço de maior, acavalar o melhor da sua prosa:

Todavia, meu caro leitor, não quero referir-me à formosura daquela que, mais tarde, tendo ido ao sepulcro de Jesus para com seus bálsamos o ungi, e hoje está nos altares à adoração dos fieis como santa Maria Madalena, mas sim para das formosuras que nos aparecem termos o máximo cuidado em não deixarmos tentar pelos encantos terrenos, porque são estes encantos que nos levam a perder a alma e o conceito na sociedade.

Perceberam? ... Apostamos a um olho todo...

E como lhe não bastasse ser elevado de forma, passa sua Ex.^o a ser Zolá na forma:

A Arte nestas condições provoca pensamentos que nos podem masturbar os órgãos do corpo, mas se nos lançamos na arena da sociedade onde tantas mulheres encantadoras encontramos, os nossos sentidos são tentados e quasi sempre acontece que pela fraquesa de que somos dotados, assalta-nos a queda, e masturbando o espirito desvirtuamos a alma, tornando-nos por nós próprios criminosos em consciência.

Isto é fantástico e muitíssimo malcriado. Este cavalheiro deshonra as barbas do director do periódico, e deixa-nos sem saber aonde quer chegar.

O que parece impossível é que haja quem dê guarida a coisas deste jaez.

E não há, em Gaia, um marmeleiro sem trabalho!...

Visitem ESPINHO -- Magnífico Casino



Posta Restante

Carta aberta à Empresa do S. João-Cine.

Conspicuos senhores — Sarcey Júnior, que esta secção dirige e que nesta secção escreve, vem até Vós, onipotentes Senhores, ó Sábios do Cinema, discutir um pouco sobre o Vosso piramidal e sensacionalissimo concurso de críticas e sobre os papuluchos que, a respeito deste picaresco assunto, por aí foram distribuídos.

Todos podem ser criticos cinematográficos, dizeis. Então esses linfáticos, imberbes e pitorescos rapazinhos que alimentais ao biberon da Vossa dedicação e do Vosso auxilio? Eles (bem-aventurados os pobres de espirito...) não se consideram os únicos criticos do cinema, a-pesar-de terem nascido dum movimento intestinal?...

Tendes razão, ó Mestres do cinema; todos podem ser criticos cinematográficos, como podem ser bacharéis, politicos e, até, empresários, sobretudo, nesta última profissão, quando se escudam nos escudos dos outros...

Para ser critico cinematográfico — afirmais — basta ir às segundas-feiras ao vosso Cinema e escrever no dia seguinte a critica. Mas nem sempre pode ser assim, afirmamos nós. Quantas vezes o público adormece como baminos com a insipidez dos Vossos programas? Como há de ele, depois, dizer da sua justiça?!

Do publico devem sair os melhores criticos, dizeis ainda. E assim tem

Teatro das CINEMATOGRAFICAS

POR SARCEY JÚNIOR

sucedido, e tão bom critico está o público a ser que até vai deixando o Vosso cinema às moscas...

Falais na melhor critica classificada, o que, para Vós, quer dizer a critica que ponha nos chavelhos da lua a vossa fita.

Tende cuidado, conspicuos senhores; o reclamo é como o sal na comida: demasiado estraga tudo. E neste caso pior ainda, já que o colorido do ridiculo o vai encobrindo. O público não é trouxa. Sabe separar o trigo do joio, como sabe extremar os campos da seriedade e do ridiculo.

E até vista. Recomendações ao Chevalier, à Greta, à Marlène e ao H. da Costa.

Vosso

Sarcey Júnior.

P. S. — Já partiram para Paris os premiados do Vosso concurso de viagens?

Novas, Ecos & Boatos

O elenco do Sá da Bandeira é a prova da incompetência em assuntos teatrais de quem o organiza. Aquelle *superavit* de *estrelas, estrelinhas e cometas* dificulta a distribuição duma peça e torna super-cara a folha da Companhia. Fazem ainda ali falta artistas modestos, mas de geiteira e que trabalhem com alma e nervos, ao contrario dalguns que lá estão e que parecem representar por favor. Depois, os preços dos lugares tem de ser caros — e, assim, o público vai apresentando à Companhia as eloquentes armas de S. Francisco...

— A 1.ª sessão da moda no Sá da Bandeira esteve às moscas. A elegância não queria morrer de aborrecimento.

— A corista Lucilia já vai de automóvel para o teatro! Quanto valem a elegância e a formosura...

— A actriz Georgina Cordeiro diz na *Fogo de vistas* que já deu o que tinha a dar. Será uma auto-biografia?

— Depois da *Fogo de vistas* a *Feira da Alegria*. Títulos pomposos tem eles! Assim dissesse a cara com a careta...

— Deixou de ser empresária a corista Claudina. São os *vais-vens* da vida teatral.

— A corista Maria Pinto dizia há dias, numa roda de amigos — e de amigas, está claro! — que o mundo só devia ser constituído por mulheres...

— A tabuleta que tem estado na frontaria do Sá da Bandeira dizia que da Companhia «faz parte Beatriz Costa e Nascimento Fernandes». Aquelle *faz* valia um poema...

— Na distribuição duma nova peça no Sá da Bandeira houve mosquitos por cordas. Como todas são primeiras atrizes, todos queriam os primeiros papéis. A companhia de *vedetas* — como lhe chama a empresa — vai-se tornando numa feira de vaidades.

— O *Fogo de vistas* extinguiu-se de pressa. Aquilo mesmo nunca chegou a ser fogo de vistas; quando muito, foguetitos em arraial pelintra.

— José Loureiro é o homem dos grandes sucessos: depois do êxito estupendo da compa-

No próximo número, MARIA irá da sua justiça, em prosa desenxovalhada e esse, sobre "A Feira da Alegria" e "Impeão"

nhia espanhola de revistas no *Rivoli* (que a sua argúcia e a sua inteligência contrataram), o sucesso piramidal da *Fogo de vistas*.

— Aquelle camarote largo, de primeira ordem, junto do palco do Sá da Bandeira, o 28,

é conhecido pelo nome de Jaula. Será por ser o

abergue dos leões! Também são leões sem cuba...

— As *piadinhas* do nosso último número fizeram pruridos de comichão na epiderme de certa gente de teatro. As verdades são duras de ler. Tenham paciência, que é boa para a vista

para os fracassos teatrais. Lembrem-se do que dizia o saudoso homem de teatro Francisco Palma: *Arde-lhe, é pimenta*, ou o que reza a Sabedoria das Nações: *O que arde cura*.

— Antigamente havia quem se fizesse empresário por paixão pelo teatro e para ganhar

dnheiro como uma profissão honesta. Hoje há quem se faça empresário para perder dinheiro e por paixão assolapada pelas fêmeas lá de dentro...

— Na recita de homenagem aos estudantes brasileiros realizada no Sá da Bandeira, Erico Braga botou discurso... lido. Pôs ncs cornuculos da lua a amizade luso-brasileira e as virtudes do Pôrto, deste Porto generoso que tão perdigotado de dichotes é por muita gente de teatro, que vem aqui, todavia, tirar a barriguinha de miserias. Erico falou como português, do tempo em que ele era português em Portugal e brasileiro no Brasil!...

— Está prestes a ser novamente empresária a actriz Elisa Carreira.

— Erico Braga dizia, há dias, no palco do Sá da Bandeira, a um neo-empresário, que tinha muita pena de não ser cantor. Comentário deste: *porque é que V. não aprende*. Calino não diria melhor...

— Carlos Dubini, como é ponto, anda sempre na rua acompanhado de virgulas...

— Com a chegada da actriz Maria Helena turvaram-se os ares na caixa do Sá da Bandeira. As invejas e os ciúmes femininos começam de vibrar como tufoes desesperados. Vamos ter tempestade, e da grossa.

— O grupo coral do Sá da Bandeira é muito homogéneo, igualzinho mesmo como os dedos da mão...

— A companhia do Sá foi engrossada com a actriz Rosalina Sayal. E mais uma artista para aquele elenco tão cheio de atrizes e tão vazio de artistas...

— Erico Braga foi-se embora todo penalizado. Ai, não que não! Seis contos por mês, é canja.

— As cotações da farinha e do algodão, neste inverno, oscilarão conforme o barómetro teatral. Boas receitas teatraes, cotações baixas; más receitas, cotações altas.

— Chegou ao Pôrto o grande e formidável homem de teatro Lino Ferreira, que veio servir de *parteiro* à revista *Feira da Alegria*, da qual dizem ser *autor*. Ele também é *autor* de todas as revistas, e quando não é *autor* recebe, pelo menos, o dinheiro dos direitos...

— Vem aí *O Campeão*, com o Vasco Santana. Que seja benvindo e que nos traga mais graça do que a que nos trouxe o José Loureiro.

— Dizem que a actriz Aurora Aboim é cantora. Só se for em surdina!

— A actriz Georgina Cordeiro canta de suspiro. *Canta*, é como quem diz...

— A corista Leonor está aqui está feita actriz, devido à sua convivência com os *estrelas*...

— Muita gente de teatro vive na mais extrema miséria, passando mesmo fome. Não há exagero nestas nossas palavras, um tanto descabidas, é certo, num jornal humorístico. Todavia, na companhia do Sá da Bandeira há ordenados de 9 contos mensais!...

— A actriz Beatriz Costa já gastou este ano 500 contos em fotografias e já distribuiu dois milhões e pico de retratos. Muito lhe custa a popularidade, não contando com a publicação da sua *vera efigie* nos jornais e nas revistas...

— Beatriz Costa que, na época passada, chegou, viu e venceu, nesta temporada também chegou, mas ainda mal foi vista e parece que não chegará a vencer...

— O organizador da companhia do Sá da Bandeira não olhou a despesas. Como é o dinheiro dos outros que está a arder!...

— Chegou a actriz Maria Helena, para a *Feira da Alegria*. Vamos a ver se ela, nesta



revista, será uma actriz que representa ou uma mulher que se mostra, já que tanto tem explorado a sua plástica de tentar Santo António...

— Dizem que a companhia que se exhibe no Sá da Bandeira, é do *Avenida*, de Lisboa. Será. Mas a massa, o dinheirinho, e cá do Pôrto.

— Mal chegou ao Pôrto a Maria Helena, puseram logo o retrato dela no átrio do teatro, um retrato grande, colorido, um retrato de *veras calaginoso*. *Calaginoso*, sim, leitor amigo. E, se duvidas, passa por lá e faz com as tuas mãos um círculo em torno do braço sumarento da retratada e dum ponto negro que lá está, e depois diz-me o que te parece aquilo; mas diz baixinho, se não vais parar ao Aljube...

— A pintura no *Olimpia*, à *Parada dos Monstros*, era um estupendo trabalho de arte do grande pintor Ernesto. Se Murilo visse aquilo, morreria de inveja.

À ÚLTIMA HORA

Depois de escrito o que atrás fica em letra de fôrma sobre o retrato *calaginoso* da actriz Maria Helena, soubemos que o mesmo fóra içado e colocado no alto da bilheteira do Sá da Bandeira, para, assim, não estar ao alcance das apalpadelas insólitas de mãos atrodisiacas...

Mas se ainda lá fores, leitor amigo, e, com a mão à guisa de óculo, olhares para o ponto acima indicado do retrato, não percas os sentidos com a *tal* mancha negra...



✝ A Q U I J A Z

Continuação do concurso da **MARIA RITA** 50\$00 ao melhor epitáfio publicado

Olegna, minha querida,
O teu corpo jaz aqui
A dormir o sono eterno.
Mal tu perdeste a vida,
Eu p'ra tua alma pedi:
«As profundas do Inferno».

Remetente: **Rutra Luar.**

Aqui jaz Fernandes Braga,
De folhetins escritor;
Nunca mais temos a praga,
De aturar êste senhor.

Desde o Pôrto até à Raia,
Choram todos com tremor!...
Té' o «Comércio de Gaia»!...
Pobre «Berta», e pobre autor...

Mas afinal, não morreu
O mestre de tanta asneira?!...
Foi só um ar que lhe deu,
Guarda-o o Conde Ferreira...

Remetente: **Rei dos Nabos.**

Quem vive neste coval?
Para que querem saber?
Interessa-lhes o meu viver,
Se eu nunca lhes fiz mal?
Se morreu? Deixe morrer.

Remetente: **Pirilau.**

Neste lugar solitário
Acabou o seu fadário
A minha sogra coitada.
Por ela muito chorei
E só o chôro acabei
Quando a vi enterrada.

Remetente: **Amarantino.**

Aqui jaz Angela Vendeira,
Espôsa do «Catitinha»
Que tinha certa geiteira
Para fazer sua fitinha.

Mas vai um dia, a Amelinha
Leva-lhe o marido p'ra Rates.
E morreu a pobre, tadinha,
Por ter falta de «tomates».

Remetente: **Rutra Luar.**

Aqui jaz um caloteiro
Que de calotes viveu;
E que inda deve ao canteiro
Este rico mausoléu.

Remetente: **Reirobi.**

Morreu hoje na guarita,
A sentinela «Calheta»
Por estar sempre à compita,
A brincar co'a baioneta...

Remetente: **Alberto H. da Silva.**

Aqui jaz um sacerdote
Rei dos velhinhos brejeiros,
Mas que a-pesar-de velhote,
Tinha mulheres aos milheiros...

Remetente: **Pancadas D'Amor.**

Neste coval tão sombrio
Repousa a Maria Rosa.
Por tocar muito assobio
Acabou tuberculosa.

Remetente: **Lérias**

Aqui jaz Manel Cardia,
Por apelido «o pagode»;
Faleceu um belo dia,
Ao aparar o bigode.

Remetente: **Oinotna.**

Nesta campa triste e só
Jaz a mulher do Abreu;
A cantar o solidô,
Engasgou-se e faleceu.

Remetente: **L.**

Memórias dum falso médico

Sou uma pessoa notável, a-pesar-de não ter diploma. Os senhores nunca ouviram falar nas *Operações* de Shanghai? Pois fui eu que as fiz!

Andam agora por aí com a mania de perseguir os falsos médicos! Palermas! A única diferença que existe entre um médico falso e um verdadeiro, é que um pode ir preso e o outro não. Um paga contribuições; outro paga multas... No fim, é tudo igual...

Quando observo um doente, nunca ausculto. Quem ausculta, de si ouve...

Ando moidíssimo! Com o ambiente de desconfiança que criaram quando o médico se apresenta em casa dum doente, põem-se logo a bater com a gente numa laje, a ver se somos falsos!...

A's vezes, os doentes não me podem receber. Ainda ontem, um me mandou dizer pela criada:

— O meu patrão manda pedir muitas desculpas de não receber o sr. Doutor, mas está-se a sentir muito doente, e não recebe ninguém...

A's vezes, passo receitas as mesas dos cafés. Até em sitios onde todos fazem *despesas*, eu faço *receitas*!

Há pessoas que julgam ofender-me, chamando-me veterinário. São, é claro, as pessoas que eu já tenho tratado...

Sou muito modesto. Nunca vou a um enterro. Não gosto de me envaidecer com as minhas obras!

Uma vez, disse a um doente, ao dar-lhe a receita:

— O senhor toma isto amanhã de manhã!

O homem, cumpriu à risca —: Enguliu a receita!

Outro dia, fiz um abatimento a um doente. Fui simplesmente justo. Foi êle quem pegou as bexigas lá no prédio!

Dr. Cacholas.

TIPOS CONHECIDOS

O Pinheiro... Manso

V. Ex.^o devem recordar-se... Quem há que não conheça o Pinheiro Manso?!...

E' aquele cavalheiro que passa aí pelas ruas a dar o braço a uma mulheira rubicunda que vai olhando para todos os lados, enquanto o Pinheiro não olha para nada.

Recordam-se?...?

Pois é esse mesmo... Passa por aí às tardes, todo senhor da sua mulher, dos outros, e muito pouco de si próprio. Porque o Pinheiro, que veio ao mundo por sua desgraça, apenas nasceu com o condão de fazer os outros felizes. E às vezes consegue-o porque se é verdade que nunca se mete com ninguém, raro é o dia da sua vida em que se não metam com ele, se não inteiramente, pelo menos com a sua metade.

Bom. E agora que já sabem a quem me quero referir, V. Ex.^o ficarão por certo a perguntar in-mente:

— Mas então ele chama-se mesmo o Pinheiro Manso?

E' verdade, meus senhores; é assim mesmo. E é por isso que a gente chega a acreditar na natureza. Eu também julguei durante algum tempo que aquela coisa do Manso fôsse alcunha, motivada por ele ter morado p'ros lados da Boavista ou procurada nas suas qualidades de carácter.

Chama-se assim mesmo. E se é certo que, em pequeno, ninguém ligava meia ao nome, depois de crescido foi o diabo. E só se deu bem pela coisa depois de ter chamado a si aquela mulheira rubicunda que tanto quer olhar a direito que até olha para todos os lados.

Houve, de princípio, quem julgasse o Pinheiro se crismaria e abandonasse o Manso; mas não; aquilo estava-lhe na massa encefálica e pregou-se-lhe lá de tal maneira que ninguém é capaz de lho arrancar. O que é capaz, é de contribuir para que aumente e enraíze.

*
*
*

Pois eu, quando me meti a descrever a vida do Pinheiro Manso ainda julguei que em toda a biografia fôsse encontrar algum caso digno de registo. Mas não! O único caso em que o registo entrou foi no seu casamento. Foi um caso de Registo Civil.

Depois disto nada mais, porque não trabalha, porque não tem rendimentos e porque lhe não falta nada. Há quem diga até que lhe sobra alguma coisa.

De resto toda a sua vida é igual: vai a todas as festas, a todos os cinemas, a todas as chiquezas, e levando como leva a rubicunda mulher de braço dado, não passa de ser levado pela mulher a toda a parte.

Está sempre de bem com todos e com a sua consciência.

Quando passa dizem-lhe: Coitado! Mas quem lho diz, são os que se condoem com as misérias, dos outros, sem saber ao certo se não é afinal a felicidade que lhes faz perder a cabeça.

Pois o Pinheiro Manso...

Olhem: vai ali mesmo; é aquele cavalheiro que parece uma bengala de unicórnio que aquela mulher leva no braço...

J. d'A.

José Malhoa

Quando preparávamos este número para entrar na máquina, fomos dolorosamente surpreendidos pela notícia do falecimento deste grande artista, em Figueiró dos Vinhos. Sabiamos-lhe muito doente, mas não tão grave.

MARIA RITA curva-se pezarosa ante o cadáver dum Homem que foi um dos Grandes Mestres da pintura nacional.

- Receitas úteis -

O cemitério dos calos

Um dos males que muito incomoda a humanidade, são os calos.

Tenho visto sujeitos e sujeitas que davam tudo de seu (mesmo tudo) para se verem livres de certas excrecências calosas, que se plantam, sem planta nenhuma, nos seus (dêles) mimosos dedos dos pés.

Ora, eu, que me prezo de ser profilático como burro, vou ensinar a todo o mundo (e digo a todo o mundo, porque a nossa MARIA RITA, atravessa todas as fronteiras) um remédio fenomenal, colossal, piramidal, sensacional, e outras coisas em al, contra os malfadados calos.

E' o cúmulo da «simplicidade»: sobre o sítio em que o sr. calo se instalou, colocam-se, com meiguice, uns miligramas de pólvora sem fumo. Em seguida, compra-se uma caixa de fósforos Pátria (passe o reclame) e lança-se o fogo aos montículos polvorosos anteriormente feitos.

Ouve-se um ruído especial, um cheiro assim a modos que a carne assada e calos... viste-los.

Experimentem, e verão como é radical. Não há calo que lhe resista. Experimentem...

Lérias.

Posta restante

Bisnau — A peça é engraçada; mas nem nos atrevemos a mandá-la compor... Era tipo à caixa...

Paulo Ganimedes — Está aceite, e sairá na primeira oportunidade. O jornal seguirá.

Greta Garbo — Seguirá o livro. E' conveniente, porém, dizer qual deseja. O prémio da *A melhor que eu sei* é 50000 esc. a melhor anedota da semana.

Zé de Leixões — Tudo o que quiser cá da casa... Mas nada do que pretende. Não vê que a MARIA RITA tem um remendo na saia? E' pobre. E' como tal aceita esmolas... e as suas são de príncipe. Mande sempre.

Quanto aos prémios, oxalá os mereça que serão pagos imediatamente.

Ladino — Está servido com os Ares que pretende. Mande buscar. As quadras não serão publicadas pelo motivo que disse. Lamentamos a sua doença e fazemos votos para que possa aparecer sempre.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta : forma terá graça, de graça : :

Décimas... dentro do praso

Fraco gosto...

Voltam a soprar maus ventos,
Já se ouvindo o seu sussurro;
Cheirando já vai a 'sturro,
Por causa dos armamentos.
A fúria dos... elementos
A compostura já quebra;
E, toda cheia de febra,
A Germânia — alta potência —
Abandona a conferência
E não toma mais... Genebra!

Tantas lutas e questões,
Que são mesmo um sacrilégio,
Por causa do privilégio
Dumas reles... armações!...
Perante estas dissensões,
Que os trazem desenfreados,
Protestando em altos brados,
Eu pergunto: — Que proveitos
Tirarão certos sujeitos
Do facto de estar... armados?!

Bisnau.

CARTAS IODADAS

Boa MARIA RITA

— findou já;

Este tempo de férias, agradável,
Esgotou-se, por fim, este maná,
A vida de ripanço, tão saudável.
Adeus Praia, adeus Sol, o Banho, o Mar,
Tudo aquilo tão bom, e cheio de vida!
Voltamos ao estudo, e a fossar
Nos livros de matéria aborrecida.
Que me importa que o sol seja uma 'strêla,
E que o Aquiles tenha dito «Eureka»,
Que Cleópatra tenha sido bela,
Que Marco António fosse ou não careca?
O que me interessa é conhecer,
E, talvez, — o quem sabe — constatar
Com corpinhos de neve, adormecer
Num regaço de arminho, a oscilar.
Eu tenho tanta pena, minha amiga,
De deixar esta vida regalada,
Que nem chego a saber o que te diga,
Nesta carta tão triste, amargurada.
Pois, olha; nesta epístola, a meu ver,
— Despedida tristonha destas férias —
Acho melhor mais nada te dizer...
Até p'ra o ano. «Beijinhos» do teu

Lérias.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 31

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

28 DE OUTUBRO DE 1933

QUADRO DE HONRA

SEPOL
OINOTNA
OTTER
REIROBI
REI DO ORCO
OTROPVLIS

Decifrações do n.º 29 — 1) Jerez, 2) Asno seja quem u asno buseia, 3) Chasina, 4) Federico, 5) Piqueno, pino; 6) Utono, uno; 7) Chão de Cabanas, 8) Tejolo, 9) Quem espera desespera.

Decifradores — Sepol, 9; Oinotna, 9; Otter, 9; Reirobi, 9; Rei do Orco, 9; Otrapavlis, 9; Serigaita, 8; Rei Fera, 8; Amil, 8; Horaciano, 8; Monteiro II, 8; Fantasma Negro, 8; F. Rodrigues, 8; Só Darco, 7; Xenofontes, 7; Feirante, 6.

Enigma em verso

(Retribuição a Xenofontes)

(1)
Sou feliz sou venturoso,
Passo a vida em reinação,
Não me poupo a nenhum gôzo,
Pois, p'ra tal não há razão.

Sou de porte respeitoso,
Tenho fina educação;
O meu trato é primoroso,
Não cultivo a affectação.

Eu rico sou, sem vaidade
O afirmo à puridade,
Gasto dinheiro a valer;

Diga, pois, caro leitor,
O meu nome, por favor,
Pois, conhece-o quero crer.

♦♦♦ Serigaita.

Charadas em verso

(2)
Na herdade do Julião — 1
Há um baile popular; — 2
Que, p'ra boa distracção,
Deixa muito a desejar!

♦♦♦ Busina.

(3)
Tu me tentaste iludir
E eu ia, na boa fé! — 1
Meu amor vai-te despir
Descobri o teu filé.

Querias um casaquinho
De sêda, forrado a pêlos?!
Julgavas meu amorzinho
Que eu ia roubar os «vê-los»?

Olha a direito p'ra mim
E dize lá francamente,
Se eu serei dos de ir assim
No teu bote de repente.

Vai amar outro, querida,
Que encontres aí p'la rua.
Comigo não armas vida,
Porque não ando na lua!

♦♦♦ Olegna.

Novíssimas

(Retribuindo a Monteiro II)

(4)
No caso de v. seguir na caravana,
há de ter pena do animal. — 1, 1, 1.

♦♦♦ Otter.

(5)
O rei de Roma, em Roma vale por
três! — 2, 1.

♦♦♦ Leão Pardo.

(6)
Viva a MARIA RITA! Para mim
vale tudo uma mulher de pêlo na
venta! — 1, 1.

♦♦♦ Olegna.

(Respondendo ao emérito Olegna)

(7)
Por isso, agora mudo de processo:
atiro-me às raparigas. Como tenho
muita planta, logo que uma mulher
nova me vê, papo! — 1, 2.

♦♦♦ Nau-Nau.

(8)
Em Beja — acredite — canta uma
ave num armário envidraçado. — 1, 2.

♦♦♦ Kíçai.

(Ao meu amigo Augusto Reto (Otter))

(9)
Não lhe parece que tem menos
raciocínio do que um animal, quem
afirma que é capaz de atingir um
planeta com um tiro de arma? — 2-2.

Sincopadas

(Cumprimtando Otrapavlis)

(10)
3 — Não acha que a Serigaita é
sincera? — 2.

♦♦♦ Monteiro II.

(A' exímia colega Serigaita)

(11)
3 — V. sabe que na minha terra
não se pisa a uva? — 2.

♦♦♦ Fantasma Negro.

(12)
3 — Na soleira da minha porta bate
em cheio a luz do sol. — 2.

♦♦♦ Busina.

Mefistofélica

(Ainda a provocar o Olegna)

(13)
A tal mulher tinha tão mirrado o
pescoço, que até parecia que contava
mais de cem anos! — 2-2-(3).

♦♦♦ Busina.

Maçadas geográficas

(14)
Formar o nome duma terra portu-
guesa com as letras da seguinte frase:

(Ao colega F. Rodrigues em retribuição)

DECIFRAI RODRIGUES.
ATE' LOGO...

♦♦♦ Sepol.

(15)
BONITA MARIA... DE-ME

♦♦♦ Rei Tinto.

(16)
E'S JARRETA!

♦♦♦ Otrapavlis.

Tipográfico

(12 letras)

(17)

| | |
|----|-----|
| O | EEE |
| BA | E |
| | E |
| | EEE |

♦♦♦ Sepol.

(18)

| |
|---------------|
| 5050 ETI 1000 |
|---------------|

♦♦♦ Jarb.

Provérbio a adivinhar

(Retribuindo e agradecendo ao bom amigo
Rei do Orco)

(19)
Minha mão já tão cansada
Não dedilha bem a lira;
Portanto, nada admira
Que não valha mesmo nada,

Minha pobre versalhada.
Cria que não tenho em mira,
Dizer-lhe que é grande a ira,
Por tamanha derrocada,

Pois é certo que a não sinto!
Por tal razão me sujeito,
E acato sem me zangar,

Este provérbio acertado
Por toda a gente citado:

.....
♦♦♦ Rei das Musas.

Cartas do Mondego

Colega MARIA RITA:

Os quintanistas de tôdas as Faculdades desta velha Universidade andam a tratar de uma excursão de estudo ao Brasil. Levam as pastas, estas pastas de fitas garridas onde, por certo, se irão prender muitos olhos de caboclinhas de peitos de rôla, de cariocas feiteiras, de guapas paulistanas, de pernambucanas vistosas e de santistas encantadoras.

Nas capas negras, negras e rôtas, prender-se-ão, certamente, muitos corações ardentes, ardentes como noites sertanejas.

E no regresso, a par de inúmeras saúdes, não deixarão de trazer, os nossos quintanistas, um papagaio, um cacho de bananas ou uma lata de goiabada.

Excursão de estudo?—E porque não?

Os quintanistas de Direito não deixarão de aprender o Código Penal Brasileiro por causa das môscas.

Os de Medicina poderão aprender como se trata a febre amarela e outras febres que os deixarão mais ou menos... amarelos.

Os de ciências entreter-se-ão a medir o Pão do Açúcar e a tomar alturas do Cruzeiro do Sul.

Os de letras—ah! os de letras—poderão aprender praticamente tôdas as linguas vivas, vivinhas a saltar.

Haverá, assim, um verdadeiro intercâmbio... lingual.

Os de história aprenderão a desbravar florestas virgens, seguindo os passos aos seus gloriosos antepassados.

Os de filosofia poderão demonstrar que a lógica não é uma batata—e demonstrar a falsidade dos argumentos de muitos filósofos, daqueles filósofos que só vieram ao mundo para arrelia de todos aqueles que são obrigados a estudá-los.

Será uma óptima excursão de estudo. E na partida, as cariocas de olhos húmidos dirão com tristeza:

—Ai como sabe amar a gente portuguesa!

Rima e creio que será verdade

Santos Andrade, Santitos para a malta, é um óptimo companheiro e um alegre cavaqueador.

Deixou já as fitas amarelas e dentro de dias será um novo João Semana. E' alentejano, um alentejano

forte como as armas, e um desportista de alto lá com êle.

Em *Foot-Ball* pode não acertar com o pé na bola, mas garanto que acerta sempre nas canelas do adversário.

Aí vão duas anedotas do Santitos:

Comboio correio da noite. Santos Andrade procura um lugar, lugar que não encontra, pois os passageiros vão todos deitados nos bancos. Santos Andrade resolve-se a entrar num compartimento onde se encontrava um casal com dois rebentos. A mãe dos miúdos que não queria, por certo, outra companhia além dos seus, avisa:

—Cuidado! Os meus pequenos teem gripe e a gripe é contagiosa...

—Não faz mal, minha senhora, sou tuberculoso!

O casal e os rebentos desapareceram como por encanto e o Santos Andrade pôde dormir um sono regalado.

Encontravamo-nos na Itália, em Veneza. Tomámos um gasolina, o gasolina que faz carreira da estação do caminho de ferro para a praia do Lido. Junto de nós sentou-se uma italiana linda como uma noite luarenta de Veneza e elegante como uma cigarrilha egípcia.

Levara um lulu felpudo, felpudo e feio. Comecei a fazer festas ao lulu para conquistar as boas graças da dona. O estratagemas deu resultado. Quando chegamos em frente da Praça de S. Marcos, havia já uma troca de olhares incendiários. Tam incendiários como os incendiários do Reichstag.

O gasolina parou. Estávamos no Lido. A italiana saltou lesta do gasolina e esperou que eu a seguisse.

Estava resolvido a fazê-lo quando o Santos Andrade me perguntou:

—Que dinheiro tens?

—Revistei os bôlsos e encontrei por junto umas seis liras.

—Seis liras, respondi.

—Com seis liras, meu caro, só se seguires o lulu!

Tivemos cá o célebre Dr. Thara Bey que apenas nos trouxe do novo o Bey, pois doutores há por aqui muitos e Tara é o que mais se encontra.

Abraça-te o

Mil Reis.

Coisas do meu monóculo

Válidos e Inválidos

Não fez o nada, mas Nada fez, porque, de feito, nunca fez coisa nenhuma. Minto: cozinhou uma Ceia. Tem sido tudo, mas em tudo — salvo nos plágios — nunca foi nada. E como nada foi, nada é e nada será, fizeram-no Boneco da Academia (perdoem o A maiúsculo) outrora Real e hoje com pretensões a Imperial.

Subiu sempre na cascada da Desgraça. Em breve presidente dessa Sociedade Protectora dos... Velhos, pinchou a sócio *demérito*, perdão de mérito, com bigodes, aristocracia, orgulho e tudo. Tudo menos talento.

Hoje passa a vida: a coleccionar nomes amputados das obras estrangeiras; a escrever às quinta-feiras baboseiras em compota sólida; a elogiar redobradamente quem a êle esboça elogios; a viajar para o Estrangeiro com o *dinheiro ganho com os seus livros*, a dizer bem do Brasil e, de longe a longe, a chicotear sem critério Abel Botelho.

Baba-se pelo amor, nem que seja à século XVIII e possui uma *Arte de Amar* muito parecida com a de *Madame Lonisette*.

Há quem diga por aí que *êle morreu de amor*, mas isso é mentira porque depois disso já Sua Ex.^a preçou aos *di lá o Heroísmo*, a *elegância*, o amor.

Como poeta é um amarelo. No livro de estreia, entre sois, loiros, ruivos e oiros empregou (assim o afirma José Dias Sancho) 102 vocábulos o que é de fazer empalidecer os chinos e fazer desmaiar as gemas dos ovos.

Como prosador é uma *figura* que não é nem de ontem nem de hoje, mas com muita vontade de ser um dos *Galos de Apolo*.

Como dramaturgo andou num *Serão nas Laranjeiras*, vestido de *D. Ramon de Capichuela*.

Um dia saiu-lhe o 1.027. Vestiu-se de *Viriato Trágico* e foi à Mouraria falar com a *Severa*.

Esta, em troca de *Rosas de todo o ano*, deu-lhe um *Primeiro beijo*, atrás dum *Reposteiro verde*, que tinha sido do *Paço de Veiros*.

.....
E rolaram os dois na sede do estreitamento; O quadro, por brutal, exige encobrimto.

Fernando.

* Auto da Raynha Glândia.

Procurem na grande
Livraria Editora de

A. FIGUEIRINHAS, Limitada

tôdas as obras de

MARDEN

o grande filósofo criador da paz de espirito
e educador de vontades.

Para
Pintar
paredes

Uso

MURALINE

uma tinta que se

prepara em
seca em
dura 10
minutos
horas
anos

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para o mote

MACACO e BANANA

Pelo que eu dou o cavaco
E que mais me dá na gana,
E' quando vejo um macaco
A esfolar a banana.

O.

A D. Branca Suzana,
Não anda nada contente;
Tem o macaco doente
Por comer muita banana.

Otopavlis.

Por ler-te, MARIA RITA,
No fim de cada semana,
Eu sou tal qual — acredita —
Um macaco por banana.

Adriano X. Nel.

O que vêm os no sertão?
— O brasileiro parrana,
Pretinhos como o carvão,
Muito macaco e banana.

Alexandrino Machado.

A' volta da bananeira
Espreita o macaco a banana,
Outros espreitam a carteira
Quando vêem um lapantana.

Reirobi.

Se Vila Nova é Marrocos,
Deve ser sitio bem fraco,
Pois nunca lá vi nascer
Nem banana nem macaco!

Asinus.

Gosta do côco o macaco,
Que o come com toda a gana;
Mas das macacas o fraco
E' e será a banana!

Narigudo

Terra d'África! Tão quente!
Mulatinha, abana, abana!
Vê se espantas o macaco,
Que eu quero dar-te a banana!

Zé da Sé.

Vou arranjar um macaco
Para dar à prima Ana;
E a minha vizinha Julia
Consolarei com banana!

Tito.

Encontrei hoje um bom naco...
Um peixão... uma cigana...
Confesso: fiquei macaco
Por lhe não dar a banana!...

Lopes Pereira.

Aquele grande macaco
Do Valente Safardana,
Do queijo comeu um naco,
E a casa duma banana.

Delfim de Freitas.

Banana, não quer macaco.
Macaco, só quer banana.
Desgraçado, até se dana
quando lhe faltam co naco.

Sesenem Miopla.

Mulheres casadas me chamam
macaco, com raiva e gana,
Mas sabem o qu'elas querem?
Banana, muita banana.

Alpoim Meneses

Cá temos os estudantes,
Dêsse Brasil d'uma cana,
Que são os representantes,
Do macaco e da banana!...

Rei dos Nabos.

Agarrei-me à prima Ana
que até não vale um pataco,
mas... mesmo de carraspana...
no fim chamou-me macaco.

Fanfan lá Tulipe.

O maroto é um macaco,
O palerma é um banana;
Aceita o nome o velhaco,
Mas não o quer o parrana.

Bate-Sola.

E' parente do macaco
A minha prima Joana,
Eu nunca vi rapariga
Tão danada por banana.

Manuel Moraes.

Para um macaco comprar
E a respectiva banana
Eu espero apanhar
O premio desta semana.

S. D.

Nascimento e Beatriz
São como mano por mana.
E, até, já alguém diz,
— E macaco por banana!

Só Darco.

Gosta de milho a galinha,
A abóbora o porco está afêito;
O macaco da Guidinha
Só com banana vai feito.

Zé Menes.

Diz D. Justa ao Sampaio,
Tu és um grande macaco,
Pois apanhaste-me o paio
A banana; mais o naco.

Orno.

Gosto muito de banana,
E por ela sou um tolo,
Mas «aquilo» já me abana
E o macaco tem miolo.

Ratazana.

Querem comer boa banana;
Vão à rua da Madeira,
Que lá encontram a semana
Um macaco na bananeira.

Criador.

E's tu, ó MARIA RITA,
Dos jornais a soberana;
Quero-te mais, acredita,
Que o macaco à banana.

Amador.

Por 'star fazendo, o macaco
Sáfadêza disgraçada,
O Juca, cörtou a éli
A' banana escramêlada...

Brasileiro de Praziins.

Vi no Palácio, um macaco,
A comer com tanta gana,
Que já farto de banana,
Come, de b'roa, um bom naco!...

Brisa.

Há tempos, vi um macaco,
Ao colo d'uma cigana,
Que p'ra lhe pedir banana,
Beijava-a muito, o velhaco!...

Ventofresco.

Vi encostado ao casaco
D'uma loira americana,
Um pequenino macaco,
Que na mão tinha a banana!!

Zephyro.

No Pará, vi um macaco,
Vestido de tarlatana,
No mato, lá n'um buraco,
Sobre cascas de banana!...

Catavento.

Eu conheci um macaco
Que não era doidivana,
Tinha juizo no caco,
Pois comia só banana!...

Tufão.

Vi há dias — que macaco! —
O da Raza, o maganão,
Atrás duma viúvinha,
C'uma banana na mão...

Zé de Leixões.

O' teu ventas de macaco!
Se você não fosse um banana,
Dava-lhe já um sopapo,
O' seu grande... safardana!...

Zeus.

Vi eu numa bananeira
Da floresta africana
Um macaco com conseira
Agarrado à banana.

Manuel Monteiro.

Vi na provincia d'Angola
A' beira d'uma africana
Um macaco de cartola
A oferecer-lhe uma banana.

M = 2.º.

Apanhou a carraspana
O macaco Damião
Escorregou na banana
Deu co'o focinho no chão.

Tom-Mix.

Na fábrica do tabaco
Eu vi na finda semana
Um autêntico macaco
A brincar co'a banana.

Monteiro II.

E' d'África o macaco,
Vem das ilhas a banana;
Nas Antilhas há tabaco,
El'fantes na Taprobana.

Zangorlipanfas.

Continua o mesmo mote na próxima semana.



DECIMA OITAVA PEÇA DO CONCURSO

EFEITOS DAS TERMAS

(Peça em dois quadros, num dos quais a pintura se acha um pouco borrada)

PERSONAGENS {
 O sr. Carvalho
 A sua jovem espôsa
 A simpática Bertinha
 Um doutor do Pôrto
 O conquistador irresistível

QUADRO I

Sentado num dos bancos do parque das Pedras Salgadas, está o casal Carvalho. Ao lado, em outro banco, conversam o doutor do Pôrto e a simpática Bertinha. Em frente, petulantemente marrado para a espôsa do sr. Carvalho, está o conquistador irresistível.

O SR. CARVALHO, *que não fuma, não usa bengala nem monóculo, mas traz meias* — Na verdade tiveste uma boa ideia em escolheres estas Termas. Desde que para aqui vim, sinto-me remoçar, sinto-me mais forte, capaz de empreendimentos mais ousados.

A JOVEM ESPÔSA, *que fuma, usa bengala e monóculo e não traz meias, olhando-o com um sorriso irónico* — Achas? Tem graça, que ainda não tinha dado por isso!

(Atira uma olhadela ao conquistador irresistível, que o faz oscilar pela base).

O SR. CARVALHO, *respirando fundo, a fazer peito* — Pois olha que se nota bem. Respiro melhor e já me sinto mais leve, embora ainda traga a cabeça um pouco pesada.

A JOVEM ESPÔSA, *distraída* — Isso talvez!

O DOUTOR DO PÔRTO, *para a simpá-*

tica Bertinha — Eu para o que vejo, sempre sou muito inocente!

A SIMPÁTICA BERTINHA, *olhando, de soslaio, para o conquistador irresistível, e fazendo um gesto como quem o engloba no que vai dizer* — Somos! Somos!

QUADRO II

Na buvette, na bicha, está o sr. Carvalho. Atrás dele a jovem espôsa. Logo atrás a simpática Bertinha e por último o doutor do Pôrto. Ao lado, flamante, passeia o conquistador irresistível.

O SR. CARVALHO, *falando, voltado para a espôsa* — Sume-te, careca! Estou admirado do movimento destas Termas! Bicha de manhã e bicha à tarde. Era disto que precisava o carvoeiro lá da nossa rua.

A JOVEM ESPÔSA, *comendo, com os olhos, o conquistador irresistível* — Sim! Eu também nunca supus que tanta gente gostasse de beber água.

O SR. CARVALHO, *chegando à buvette e pedindo, com um sotaque alisboetado* — Ora deite lá dois em três, óviu?

O CONQUISTADOR IRRESISTÍVEL, *tocando-se pela jovem espôsa e perguntando-lhe, baixinho* — Então, onde a espero hoje à noite?

A JOVEM ESPÔSA, *no mesmo tom de voz* — Lá em baixo, no parque, junto àquele carvalho que tem dois grandes galhos.

O SR. CARVALHO, *voltando-se, de cofo na mão* — Falavas de mim, querida?

A JOVEM ESPÔSA — Eu? Que ideia! *(começa também a beber a sua água).*

O SR. CARVALHO — E' que... pareceu-me ouvir falar em carvalho com grandes galhos...

O DOUTOR DO PÔRTO, *para a simpática Bertinha* — Repito! Eu, para o que vejo, sempre sou muito inocente.

A SIMPÁTICA BERTINHA, *sitando o doutor com um dos tais olhares que nunca mais esquecem* — Somos! Somos!

Dr. Knox.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A revista em 2 actos e 20 quadros A Feira da Alegria.
 Rivoli: O filme Madame Satan.
 Olimpia: O filme Mil e duas noites.
 Trindade: O filme Minha mulher noiva de outro.
 S. João: O filme A noite é nossa.
 Batalha: Os filmes I. F. 1 não responde e O Desfiladeiro do Diabo.

BARROS



VINHOS DO PORTO
 DE
 QUALIDADE SUPERIOR

QUAL É O HOMEM DA CABEÇA DESCOBERTA?

3.^a SEMANA



O chapéu n.º 1 pertence ao homem n.º
 » » » 2 » » » n.º
 » » » 3 » » » n.º

O chapéu n.º 4 pertence ao homem n.º
 » » » 5 » » » n.º
 » » » 6 » » » n.º

O HOMEM DA CABEÇA DESCOBERTA É O N.º

Nome

Pontos certos

Morada

(Cortar por aqui)

O concorrente não tem mais que preencher esse questionário de cima e remetê-lo à nossa redacção até ao próximo sábado.

Além disso tem de submeter-se ao plano do concurso de Outubro que abaixo publicamos.

Seis destes cavalheiros, são criaturas completas, que além de serem bem formadas sabem trazer a cabeça no seu lugar. Um deles, porém, quere-se fazer fino e saiu de casa sem chapéu. A policia de costumes viu-o nesse estado e quis prendê-lo. Felizmente a amizade dos outros salvou-o porque resolveram todos tirar o chapéu, e o policia vendo-os a todos de cabeça descoberta, ficou indeciso por não saber qual era deles o que o não trazia.

Em face disto, e em nome do enrascado policia, vimos perguntar aos nossos distintos concorrentes:

Qual é o homem da cabeça descoberta?

É necessário adivinhar também qual o chapéu que cabe a cada cabeça, não é verdade?

Desta forma, o concorrente tem de mandar o recorte da gravura com a seguinte explicação:

Aproveitando-se dos números que levam, tanto os chapéus, como os cavalheiros, dizer-nos que o número tal (chapéu) corresponde ao número tal (homem) e que o número tal (homem) é o tipo da cabeça descoberta.

1.º prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam acertar em cheio com a decifração exacta deste concurso que está exposta em envelope lacrado na montra da Agência de Publicações da Praça da Liberdade.

2.ºs prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam acertar em 5 das 6 combinações necessárias além da indicação do Cabeça descoberta.

3.ºs prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam dizer uma vez só qual é o tipo da cabeça descoberta.

4.ºs prémios — A'queles que em nenhuma das semanas acertem com o tipo da cabeça descoberta.

Os valores dos prémios

3 primeiros prémios de 100 escudos cada um
 5 segundos " " 50 " " " "
 20 terceiros " " 20 " " " "
 " quartos " " 10 " " " "

num total de 1:150\$00 em moeda corrente. E a MARIA RITA a quem promete não falta.

Esplêndido — Engraçado — Um concurso da MARIA RITA

N. B. — Este concurso poderá ser iniciado em qualquer das 4 semanas da sua duração, podendo o concorrente, remeter 1, 2, 3 ou 4 recortes.

Simplemente, aquele que mandar o maior número de recortes, maior número também de probabilidades encontrará para acertar.